

5. Proposta pedagógica com aplicabilidade em PLE

5.1 Considerações iniciais

Identificar, descrever e analisar as estratégias envolvidas na construção dos atos de negar no português falado no Brasil dentro de uma abordagem que considere, sobretudo, a produção e recepção dos enunciados a partir da relação existente entre linguagem, sociedade e cultura parece ser fundamental quando se tem uma concepção de que a produção e a compreensão dos enunciados construídos em uma dada língua não se restringem apenas às regras de construção de frases mas, fundamentalmente, à funcionalidade dos aspectos envolvidos na escolha e utilização dessas regras.

Assim, consideramos que o processo de construção dos atos de negar não se reduz, como já demonstrado nesta pesquisa, à utilização de um conjunto de partículas negativas, como o descreve a maior parte das gramáticas e manuais de ensino de cunho tradicional. Para a escolha, compreensão e utilização adequadas das estratégias discursivas envolvidas na negação, é preciso analisar o assunto com cautela, levando-se em consideração aspectos subjacentes às esferas relacionadas ao discurso, à cultura e às relações sociais dos participantes em diferentes situações.

Na descrição do português como língua materna e como língua estrangeira, os atos de negar são apresentados de modo insuficiente, limitados à utilização de um conjunto fechado de elementos, listados pelas gramáticas, livros didáticos e manuais de ensino que ignoram a questão discursiva dos enunciados utilizados pelo falante nativo em diferentes contextos. Por esta razão, nossa pesquisa trata do assunto, não só em termos descritivos e interpretativos, mas também pedagógicos. Pretendemos com este trabalho contribuir, efetivamente, para uma ampliação do termo **negação**, fornecendo informações que poderão auxiliar pesquisadores e profissionais, sobretudo das áreas de ensino de PLE, na sua prática pedagógica.

Segundo Goffman (1959: 11), "quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade,

confiança que merece etc. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada."

Quando pensamos na obtenção da informação e na melhor maneira de agir para se conseguir uma resposta desejada, tal como sugeriu Goffman, colocamos os mecanismos que norteiam as construções dos atos de negar no português do Brasil em um alto nível de dificuldade na escala de aprendizagem do estudante de PLE. Para este aprendiz, ficam perguntas muitas vezes sem resposta, tais como: a) como obter a informação 'correta' a respeito do brasileiro? e b) como agir da melhor maneira ao interagir com um falante nativo do português?

As respostas parecem-nos ser bem complexas. Pensemos no caso da imagem do Brasil veiculada no exterior. Por um lado, tem-se a imagem de um povo extremamente simpático, feliz, amigo e de um Brasil modelo

do paraíso perdido, da pureza indígena, da beleza natural padrão cartão postal exposto em bancas de jornal de Copacabana, princesinha do mar, pérola do Atlântico, onde o sabiá canta com João Gilberto e Nara Leão a cordialidade dulcíssima de um malandro carioca à sombra de uma palmeira, fixando num quadro borboletas entre o Pão de Açúcar e o Redentor. A isso Oswald nomeou "macumba pra turista"...

(Diniz, 1999: 23)

Do outro, têm-se a miséria, a corrupção, os problemas sociais comuns de um país de terceiro mundo, como mostrado no filme brasileiro *Central no Brasil*, de Walter Salles, indicado para o Oscar nos EUA e exibido em muitos países da América Latina, da América do Norte e da Europa.

Estas informações, que demonstram os extremos do Brasil, transformam, metaforicamente, toda a sociedade brasileira em uma espécie de caixa de fósforos: todos unidos e iguais em momentos 'mágicos', de transformações sociais momentâneas, como no futebol, no carnaval e nas festas religiosas. Todos conscientes, porém, de uma possível explosão, pois sabem que essas situações ilusoriamente representativas de igualdade não são definitivas e que os problemas sociais, políticos e econômicos vão emergir novamente, reestabelecendo a (des)ordem já esperada. Assim, o brasileiro parece conviver pacificamente com a

idéia de que seu comportamento social, portanto, oscilará de acordo com a situação em que estiver inserido. Neste sentido, há uma busca constante, mas inconsciente do seu grau de representação para a sociedade, de elementos mediadores que controlem as possíveis explosões e que façam com que cada brasileiro não se sinta à margem da sociedade, permitindo-lhe entender que ele não é parte integral e constante de nenhuma das partes que constituem – e separam - o Brasil.

Segundo Diniz (1999), ele (o brasileiro) se caracteriza como um homem de fronteiras; que se identifica como brasileiro por não estar nem dentro nem fora - mas no meio - em um entre-lugar onde busca o espaço adequado para melhor atuar de acordo com seus objetivos pessoais e com as regras estabelecidas em cada peça teatral.

Barbosa (1992), seguindo as linhas interpretativas da sociedade brasileira abertas por Roberto DaMatta, afirma que o jeitinho brasileiro seria a arte de ser mais igual que os outros; um modo de acasalar por meio de uma aliança a nossa vertente igualitária com o nosso viés hierárquico. Para a autora, o jeitinho

"...não só é legítimo e explícito, como forma de ação social, mas ainda se configura um dos nossos elementos básicos de identidade social, mesmo quando caracterizado de forma negativa: um dos traços que nos define como país e como brasileiros. Está associado simultaneamente ao nosso lado cordial, simpático, malandro e também de país que não é sério, incompetente, subdesenvolvido que prefere o papo à briga, a conciliação à disputa."

(op. cit. 75)

A imagem do Brasil veiculada no exterior, em livros, revistas, programas de televisão, novelas dubladas etc, não carrega em si a variedade de atos sócio-lingüísticos-culturais necessários para uma boa interação com um falante nativo. Ler sobre o Brasil, segundo Meyer (1998), não é suficiente para que o falante não nativo comporte-se como um brasileiro. O que a autora chama de torção do pensamento, ou seja, mudança de ponto de vista, alteração de enfoque, para desvendarmos o universo lingüístico da área de ensino de PLE, é o que nós chamaríamos de olhar estrangeiro. "Um olhar de estranhamento, de encontro com o novo, e que é construído a partir do Outro. Olhar que parece não pertencer a

nenhum território, que não tem uma identidade definida, que nos mostram pistas de um olhar enviesado que se não se define em um ato concluidor; um olhar que pode sacralizar o óbvio, o banal, e banalizar o sagrado."(cf. Albuquerque, 1999)

Segundo Goffman (1959), no que diz respeito à interação calculada, dependendo da situação, o indivíduo

*"agirá de maneira completamente **calculada**, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes o indivíduo estará agindo **calculadamente**, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão"*

(op. cit. 15) - grifo nosso

Dessa forma, determinados usos da língua que poderíamos afirmar serem **calculadamente** construídos pelo falante nativo e utilizados (conscientemente ou não) de forma adequada em diferentes situações podem se tornar um considerável obstáculo não só para o aprendiz de PLE mas também para o professor da referida área de ensino que, sem um olhar estrangeiro para a sua língua portuguesa, poderá experimentar desagradáveis situações em sala de aula por não saber responder a perguntas aparentemente óbvias feitas pelos aprendizes.

Segundo Meyer (2002), os estudos sobre PLE devem, sobretudo, ter como base um referencial teórico que leve em consideração o conceito de cultura subjetiva, que trata dos padrões psicológicos, do pensamento e do comportamento de um grupo social e que nos permite compreender atitudes e escolhas lingüísticas particulares para cada tipo de situação discursiva.

Mas então quais aspectos da cultura subjetiva do brasileiro são relevantes para o português como língua estrangeira? São incontáveis. Desde a necessidade de se fazer referência a questões pessoais em qualquer tipo de conversa, mesmo as mais formais ou comerciais - "E o

filhão, sempre arrasando?” -, ao horror que temos de dar ordens explícitas - “Seu João, será que dá para o senhor me ajudar com as compras?” -, a tendência a só se fazerem pedidos indiretos - “Está um calor aqui, com esta janela fechada!...” -, a necessidade de se agradecer um presente de forma exagerada - “Ai, a-do-rei!!! Lin-do!!! Lindo mesmo!!! Muito obrigada!!! Vou usar hoje mesmo!!!” -, a impossibilidade de se negar explicitamente - “Até que o vestido está bonitinho... mas talvez se você encurtasse um pouco...”.

(Meyer, 2002)

Dentre os incontáveis aspectos relevantes a serem tratados com base na cultura subjetiva, Meyer (2002) aponta a negação, mostrando que a percepção da impossibilidade de se negar explicitamente decorre, na maioria das vezes, de razões pragmáticas (cf. o último exemplo da referência acima citada).

São estas as questões relacionadas a aspectos da cultura subjetiva que, sobretudo, precisam ser tratadas nos estudos lingüísticos sobre o ensino de uma língua estrangeira para que sejam evitados possíveis problemas comunicacionais, tais como os mal-entendidos e má compreensão e produção de respostas negativas a pedidos e a convites.

5.2 Mal-entendidos culturais

Como já apontamos nesta pesquisa, generalizações e estereótipos devem ser tratados de forma cuidadosa. O fato, por exemplo, de que o brasileiro sempre se cumprimenta com dois beijinhos não é tão simples como aparenta. É preciso levar em consideração, por exemplo, que 1) beijamos primeiro o lado direito; 2) os homens, em geral, não se beijam; 3) em situações mais formais o beijo, muitas vezes, não é recomendado; e 4) há regiões no Brasil em que o cumprimento é feito apenas com um beijo ou ainda outras em que se dão três beijos – esclarecendo que o terceiro tem um significado especial: ‘é para casar’.

Enfim, os mal-entendidos ocorrem porque não se tem informações satisfatoriamente descritas sobre muitos comportamentos sócio-lingüísticos das línguas em nível, sobretudo, pragmático. Além disso, o mal-entendido, segundo Dascal (1986) tem origem em diferentes fontes teóricas como:

Semântica de quadros [frame semantics], teoria dos atos de fala, teoria das implicações conversacionais, teoria dos conjuntos vagos e recentes abordagens da comunicação em termos de regras sociais de comportamento.

(op.cit. 200)

O mal-entendido, segundo Banks, Ge & Baker (1991), está diretamente relacionado a falhas lingüísticas e pragmáticas, a problemas de identidade e a diferenças culturais. Para os referidos autores, existem duas condições básicas para o mal-entendido em encontros interculturais:

- a) *os eventos precipitados são fundamentalmente os mesmos daqueles que precipitam a má-comunicação em encontros intra-culturais e b) os eventos precipitados são unicamente atribuíveis para diferenças de culturas dos participantes.*

(op. cit. 106)

Wierzbicka (1991), em estudo relacionado a ‘cross-cultural pragmatics’ afirma que em diferentes comunidades pessoas falam diferentemente, e não só em termos lexicais e gramaticais, pois cada cultura apresenta características particulares. A referida autora ainda afirma que estas diferenças são profundas e sistemáticas e refletem os valores culturais e diferentes hierarquias de valores em uma sociedade, valores que não podem ser descritos em termos puramente comportamentais, visto que constituem uma manifestação comportamental de regras culturais, ou, como a autora chama, de ‘cultural scripts’. Para que possamos entender as formas de expressão de uma dada sociedade, precisamos identificar e articular os implícitos destes ‘cultural scripts’. A cordialidade, a cortesia, a simpatia, entre outros, são aspectos representativos destes valores culturais peculiares e excêntricos refletidos nos atos de fala.

A literatura sobre as diferenças culturais no campo da Educação Internacional e do Multiculturalismo, segundo Bennet & Bennett (1994), sofreu uma verdadeira transformação nos últimos anos e tem contribuído para a resolução de problemas típicos de cruzamento de culturas, como, por exemplo, questões relacionadas à impaciência, à desafeição e à frustração experienciados pelos estudantes estrangeiros nas universidades americanas. A ênfase para o

entendimento das diferenças dos ritos sociais, dos comportamentos não-verbais, e dos estilos conversacionais nas aulas de educadores interculturalistas tem demonstrado uma diferença significativa na adaptação e na interação de estudantes estrangeiros em comunidades que antes eram apenas estudadas pelo viés da economia, da literatura ou da política, ou seja, da chamada cultura objetiva.

É importante ressaltar que, segundo Sarangi (1994), o termo interculturalismo é tratado, na literatura sobre o assunto, a partir de duas perspectivas: 1) da antropologia cultural e 2) da sociolinguística interacional e da pragmática. A primeira descreve o estudo da interação entre indivíduos representando cultura diferentes e a segunda, que pode ser vista, segundo a referida autora, como uma reação à primeira, estuda as estratégias discursivas determinadas pelo etnicismo e pela diferentes experiências culturais (diferentes caminhos de fala, diferentes caminhos para estruturar a informação, etc) e os estilos comunicativos que podem ser o centro dos mal-entendidos inter-étnicos (cf. op. cit. 410-411)

Quando pensamos em mal-entendido no universo discursivo que envolve os mecanismos responsáveis pela negação no português do Brasil, devemos nos preocupar com duas questões que podem dificultar o aprendizado de PLE: 1) o mal-entendido provocado pelo uso de um elemento formal de negação destituído de valor negativo e 2) o mal-entendido provocado pela falta de conhecimento de mundo compartilhado.

No primeiro caso, partindo do ponto de vista dos estudos interculturalistas, temos um problema pragmalinguístico, ou seja, há uma compreensão inapropriada de uma estratégia discursiva da primeira língua para a língua alvo. Por outro lado, o segundo caso é visto como um problema relativo à sócio-pragmática, decorrente de diferentes avaliações de cruzamentos culturais a partir de parâmetros sociais que influenciam as escolhas linguísticas (cf. Sarangi, 1984 citando Thomas, 1983). É importante ressaltar que, se no primeiro caso consideramos as ocorrências com elementos formais de negação destituídos de valor negativo, no segundo caso, podemos considerar, entre outras escolhas, as realizações linguísticas de valor negativo que não apresentam nenhum elemento formal de negação.

Se tomamos o termo **não**, no Brasil, como um elemento formal de negação construtor de um ato de não negar, observamos que a sua ocorrência em situações

conversacionais entre um nativo e um não-nativo pode gerar inúmeros conflitos se houver, por parte do não-nativo, uma transferência de valor significativo do referido termo de sua língua para o português. Isso ocorre porque o referido termo pode se comportar, como já apresentamos no Capítulo 3, com valores diversos que não evidenciam um ato de negar.

Andrade (2000), em um estudo pragmático sobre o termo **não** sem valor de negação no português do Brasil, afirma que o referido item lexical pode ocorrer como 1) marcador conversacional, 2) elemento central na utilização de estratégias de polidez, 3) forma de persuasão e convencimento em interrogativas, 4) elemento que busca a confirmação de seu enunciado por parte do locutor e 5) mecanismo de defesa da face. Estes usos apresentados por Andrade (2000), entre outros apontados no presente trabalho, no Capítulo 3, não são exclusivos de interações verbais em contextos não espontâneos. A análise da entrevista analisada, mostrada em nossa pesquisa, confirma esta informação. Os referidos usos são comuns no discurso oral do dia-a-dia dos nativos do Brasil (cf. Andrade, 2000: 77) e não são apontados, em geral, de maneira satisfatória nos manuais de ensino de PLE.

Por outro lado, o mal-entendido provocado pela falta de conhecimento de mundo compartilhado parece-nos ser um problema ainda maior do que o apontado anteriormente. Neste caso, entram em questão informações extralingüísticas, muitas vezes, inferidas não só pelo contexto mas, muitas vezes, unicamente, pelo conhecimento de mundo dos interactantes.

No que tange à construção dos atos de negar, vimos, no Capítulo 3, que a negação pode ser explícita direta, implícita direta, explícita indireta ou implícita indireta. Nestes dois últimos casos, em que o que está em jogo é o domínio das habilidades comunicativas relativas ao que está dito indiretamente no discurso, surgem as maiores dificuldades de compreensão, por parte do aprendiz de PLE, acerca da parte do discurso que está sendo negada ou, ainda, de percepção se há, de fato, algo sendo negado. No primeiro caso, quando ocorre a negação explícita indireta, em que há, geralmente, após um prefácio, um elemento formal indicador da negação, o problema pode ser mais facilmente solucionado. No entanto, quando temos um caso de negação implícita indireta, a dificuldade aumenta, tanto para o aprendiz de PLE quanto para o professor que precisa apontar para o seu aluno qual o caminho a ser seguido, para que ele perceba que existe um ato de negar implícito e que este refere-se a uma dada parte do discurso.

Uma vez não percebida a negação, explícita ou implícita, realizada indiretamente, o mal-entendido pode ocorrer mais uma vez, trazendo conseqüências negativas bastante desagradáveis tanto para o nativo quanto para o não-nativo.

5.3 Má compreensão e produção de respostas negativas a pedidos e a convites

As diferentes formas de construção de um ato de não aceitação a um convite ou de negação a um pedido podem ser compreendidas e produzidas de maneira muito óbvia para o falante nativo mas para o aprendiz de português como língua estrangeira pode ser um grande problema. Segundo Meyer (1998), a produção de respostas negativas numa determinada situação de comunicação é um tópico extremamente importante a ser considerado no processo de ensino-aprendizagem de PLE, uma vez que são vários os casos de estrangeiros considerados, muitas vezes, mal-educados no Brasil por darem respostas negativas, poderíamos dizer, secas demais, como um simples *não*, em situações que demandariam respostas mais conciliadoras, mais amenas, como *pode ser* ou *vou ver se dá*.

No Capítulo 3, Análise Descritiva dos Dados, apresentamos, no subconjunto relativo à negação explícita direta, um tipo de ato de negar, realizado com o elemento *não*, que evidencia uma negação adverbial relativa ao foco da pergunta em respostas a pedidos. Vejamos:

(66)

- 2563 DM: O tratamento aí depende da causa.
 2564 Quando é..
 2565 é pra () genética feminina,
 2566 então a gente tenta geralmente com loções capilares.
 2567 Pode tentar também com algumas medicações orais,
 2568 por exemplo, eh::
 2569 Tem até anticoncepcional
 2570 que melhora a queda de cabelo ()
 2571 a gente pode falar nome comercial?
 2572 LN: [Não,
 2573 **melhor não, né?**
 2574 DM: **Melhor não.**
 2575 LN: [Até porque
 2576 as pessoas vão sair comprando.

Observamos que o ato de negar relativo ao pedido feito por DM é realizado, como afirmamos, com o termo **não**, mas é acompanhado por uma estrutura reparadora (*melhor não, né?*) que funciona como um mecanismo discursivo utilizado para recuperar a face positiva do interlocutor que, certamente, estaria ameaçada se a resposta fosse realizada unicamente com o elemento **não**. Este tipo de resposta negativa a pedidos, no português do Brasil, é um exemplo muito comum em qualquer tipo de negociação discursiva em que a recusa a pedidos não seja um ato preferido (e geralmente não o é). Desta forma, é uma tendência do brasileiro, ao formular respostas negativas a pedidos, buscar uma justificativa para o ato de negar, como se quisesse mostrar para o seu interlocutor que a responsabilidade pela construção do referido ato não fosse apenas dele, mas estivesse respaldado em alguma razão que não fosse a desejada por ele. Ou seja, o seu objetivo é manter uma boa relação com o outro, é agir no plano da pessoalidade, em que o sentimento de camaradagem, amizade e familiaridade age como um instrumento capaz de manter a ordem.

O aprendiz de PLE, desavisado desta regra social estabelecida e manifestada na engenharia discursiva dominada pelo nativo, não utiliza adequadamente a ferramenta lingüística que fará com que o brasileiro construa positivamente a identidade do estrangeiro.

Neste mesmo universo de respostas negativas, entram as recusas a convites. Nos dados analisados nesta nossa pesquisa não encontramos nenhum exemplo que justifique a não preferência a este tipo de ato de negar. Contudo, um estudo bastante recente, realizado por Prado (2001), afirma que este tipo de resposta, realizada em situações sociais como aniversário e formatura, por serem, em sua grande maioria, um ato que ameaça a face dos interactantes, são construídos com estratégias de mitigação que procuram minimizar os efeitos negativos da não aceitação do convite. A referida autora conclui em sua pesquisa que

1) ... *tanto ao convite de aniversário, quanto ao convite de formatura, as modalidades de respostas mais utilizadas são: a recusa clara acompanhada de uma desculpa ou disfarce com outro compromisso e/ou estratégias de polidez, seguindo-se da falsa aceitação e da resposta não*

definida... 2) o brasileiro demonstra dificuldades em reusar convites, pois ao fazê-lo, além de apresentar respostas modalizadas, indiretas, não definidas e com falsa aceitação, lança mão de várias estratégias de polidez de face positiva para mitigar e suavizar o efeito negativo da recusa e/ou do provável não comparecimento ao evento e que 3) para o brasileiro a identidade pessoal dos participantes, a faixa etária e os diversos graus de proximidade e hierarquia existentes em seus relacionamentos são fatores relevantes para a escolha e elaboração de suas respostas.

(op. cit. 93-94)

Não há dúvidas, a partir do exposto acima sobre as respostas negativas a pedidos e a convites, que a produção e a compreensão destes enunciados devem ser transmitidas para o aprendiz de PLE como tópicos fundamentais a serem exercitados em situações comunicativas reais, e com tal abordadas nos livros e manuais de ensino de PLE, para que haja um domínio, próximo do que o nativo possui, das habilidades discursivas particulares do português brasileiro.

5.4 Considerações finais

Aprender uma língua estrangeira e utilizá-la adequadamente é uma relação complexa do aprendiz com ele mesmo e com a língua do outro. Buscar os lugares onde se encontram os obstáculos que levam ao insucesso do aprendizado de línguas estrangeiras é ao mesmo tempo um desafio para o linguísta e um jogo para o aprendiz, que deve vencer-se a si mesmo, superando os obstáculos de acordo com seus desejos.

Portanto, comunicar-se com eficácia significa ter competência lingüística e comunicativa, e não só comunicativa como, em muitos casos, se postulou, extensiva e equivocadamente, na aplicação do constructo de competência comunicativa ao ensino de línguas.

Neste capítulo, não tivemos a pretensão de apresentar fórmulas de exercícios ou ‘receitas’ de procedimentos pedagógicos que possam eliminar definitivamente os problemas relativos à construção dos atos de negar no ensino de PLE. À luz do que foi feito, esperamos ter demonstrado a necessidade absoluta de o processo de ensino aprendizagem de PLE encarar os atos de negar um

conteúdo-comportamental que merece uma atenção específica. Isto significa afirmar que os profissionais envolvidos na referida área de ensino, durante a preparação de seu material didático, devem buscar nos exemplos efetivos de funcionamento da língua exemplos que ilustrem 1) as diferentes formas de se usar os elementos formais de negação, com e sem valor negativo e 2) as pistas sócio-culturais-discursivas que revelam os mecanismos que compõem as construções de atos de negar realizadas direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente.